

## Artigo Original

DOI: <https://dx.doi.org/10.12662/1809-5771RI.126.5569.p91-96.2024>

# INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAPIPOCA-CEARÁ

## RESUMO

A inclusão de crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na educação infantil é fundamental para a construção de uma educação inclusiva. Este artigo visa apresentar dados sobre matrículas de crianças com TEA em uma escola pública de Itapipoca-Ceará, com base nas informações fornecidas pela sua Secretaria Municipal de Educação (SME) nos últimos quatro anos, além de discutir o processo de inclusão dessas crianças na escola. Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória que envolve o resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados indicam que, embora haja progressos na inclusão de crianças com TEA, ainda são necessárias políticas e práticas que promovam a formação continuada de profissionais da educação e assegurem um suporte adequado, tanto para as crianças quanto para os professores. Entende-se que, apesar das dificuldades, a inclusão na educação infantil pode ser significativamente fortalecida quando há dedicação, empatia, conhecimento, planejamento e recursos pedagógicos adequados. Conclui-se que a escola deve ser um espaço acolhedor para todos os alunos, incluindo aqueles com TEA, e que ela desempenha um papel central na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro do Autismo, educação infantil, inclusão escolar.

## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um dos maiores desafios enfrentados pelo sistema educacional brasileiro. Tornou-se obrigatória nos meios sociais, portanto é fundamental para uma sociedade com respeito e empatia. A escola é um espaço de crescimento e desenvolvimento das habilidades cognitivas, emocionais, sociais, é defensora de direitos, deveres e possui um papel fundamental na vida do cidadão, pois é o primeiro espaço em que irá trabalhar a inclusão de forma efetiva e concreta, compreendendo o respeito à neurodiversidade. É na escola que se aprende a esperar sua vez, viver em comunidade, compartilhar, comunicar, respeitar

Nara Felícia Neves Dias

Aluna do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde e Tecnologias Digitais do Centro Universitário Christus, MESTED/Unichristus.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2416-9505>  
E-mail: [narafeliciapsico@gmail.com](mailto:narafeliciapsico@gmail.com)

Karla Angélica Silva do Nascimento  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde e Tecnologias Educacionais do Centro Universitário Christus (MESTED/UNICHRISTUS) e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6103-2397>  
E-mail: [karla.nascimento@unichristus.edu.br](mailto:karla.nascimento@unichristus.edu.br); [karla.angelica@uece.br](mailto:karla.angelica@uece.br)

Autor correspondente:

Karla Angélica Silva do Nascimento  
E-mail: [karla.nascimento@unichristus.edu.br](mailto:karla.nascimento@unichristus.edu.br)

Data de envio: 29/10/2024

Aprovado em: 26/11/2024

Como citar este artigo:

DIAS, N. F. N.; NASCIMENTO, K. A. S. do. Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na Educação Infantil em uma escola pública de Itapipoca-Ceará. **Revista Interagir**, v. 19, n. 126, edição suplementar, p. 91-96, abr./maio/jun. 2024. ISSN 1809-5771.

e entender que todos nós somos únicos. A primeira infância é uma fase de muita aprendizagem e desenvolvimento em todas as áreas, eis então a importância de ser a escola um ambiente estruturado que acolha a singularidade de cada pessoa.

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta o desenvolvimento social, comportamental e comunicativo da criança, exigindo adaptações específicas no ambiente escolar. Essas crianças apresentam dificuldades na interação social, comunicação verbal e não verbal, além de comportamentos repetitivos, o que demanda práticas pedagógicas diferenciadas e adequação das escolas para garantir seu pleno desenvolvimento.

Apesar disso, percebe-se que o aumento da conscientização sobre o autismo e os direitos garantidos pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e pela Política Nacional de Educação Especial têm impulsionado a matrícula de crianças com TEA nas escolas. À vista disso, a Lei 13.146 de 06 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão, assegura e promove em condições de igualdade o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando sua inclusão social e cidadania (Brasil, 2015, Art. 1º).

De acordo com a LBI, o projeto pedagógico deve “institucionalizar o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações

razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade” (Brasil, 2015, Art. 28, III).

No entanto, a implementação eficaz da inclusão ainda apresenta barreiras que afetam a qualidade da educação oferecida a esses alunos, principalmente devido à falta de formação específica dos professores e à necessidade de adaptações pedagógicas (Brito, Brayner e Nascimento, 2022).

Apesar disso, de acordo com o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Censo Escolar 2023 registrou 1.771.430 matrículas na educação especial. A maior parte dessas matrículas, 62,90% (1.114.230), está concentrada no ensino fundamental. Em seguida, a educação infantil representa 16% (284.847) das matrículas, enquanto o ensino médio contabiliza 12,6% (223.258) dos estudantes (Brasil, 2023).

Este artigo discute a inclusão no âmbito da educação infantil e tem como foco principal o levantamento de dados sobre matrículas de crianças com TEA em uma escola pública de Itapipoca-Ceará, com base nas informações fornecidas pela sua Secretaria Municipal de Educação (SME) nos últimos quatro anos, além de discutir o processo de inclusão dessas crianças na escola.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória que envolve o resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental. Com relação à pesquisa documental Gil (2002, p. 45), salienta que “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” Já a bibliográfica, conforme Michel (2015, p. 317), “constitui-se no embasamento necessário e básico para a realização de estudos monográficos, ressaltando que o levantamento bibliográfico é a essência do estudo exploratório.”

Para apresentar o número de crianças com TEA matriculadas em uma escola de Itapipoca-CE, foi realizado um levantamento utilizando dados do Censo Escolar e da SME, o que possibilitou identificar a presença dessas crianças na instituição. Além disso, buscando identificar alguns fatores que influenciam o desenvolvimento e a inclusão de crianças com TEA matriculadas na escola, a pesquisa bibliográfica foi fundamental para compreender as principais características deste transtorno e as adaptações pedagógicas necessárias para promover o desenvolvimento cognitivo, social e comportamental dessas crianças.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

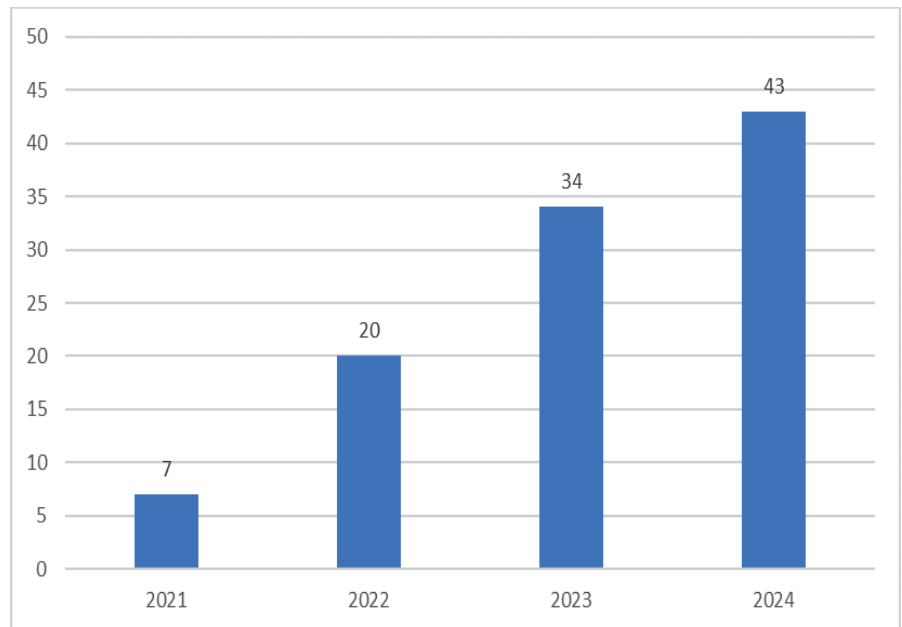
A escola selecionada possui uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que realiza os atendimentos às crianças com deficiência. No AEE, o(a) estudante constrói conhecimento para si mesmo, o que é fundamental para que consiga alcançar o conhecimento acadêmico (Mantoan, 2011).

Para que isso ocorra, a atuação do profissional do AEE vai muito além da sala de atendimento, pois é necessário compreender a singularidade da criança com deficiência, lidar diretamente com os(as) docentes, funcionários(as), famílias, enfim, todo o núcleo escolar. Segundo Braga (2023, p. 145)

[...] é importante ao profissional da saúde e da educação, seja ele o professor da sala de aula comum, o professor da sala de recurso multifuncional – SRM, sejam os profissionais da equipe multidisciplinar dos centros de atendimento educacional especializado – AEE, compreender que o diagnóstico para o TEA deve ser utilizado como uma ferramenta a mais de informação sobre esse indivíduo e não um requisito ao seu processo inclusivo.

No tocante ao levantamento de quantas crianças com TEA se matricularam ao longo de qua-

► Gráfico - Matrículas de crianças com TEA de uma escola de Itapipoca-CE



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Itapipoca, Ceará.

tro anos em uma escola de Itapipoca-CE, foi possível perceber um aumento, conforme Gráfico a seguir.

Observa-se um crescimento constante e expressivo no número de alunos com TEA matriculados, passando de 7 em 2021 para 43 em 2024. Essa tendência de aumento pode refletir diversos fatores, como maior conscientização sobre o autismo, políticas de inclusão mais eficazes, e o fortalecimento da estrutura educacional para acolher esses alunos. O crescimento expressivo entre 2021 e 2024, que representa um aumento de mais de seis vezes no número de matrículas, sugere um avanço importante no cumprimento da Lei Brasileira de Inclusão e no reconhecimento das necessidades educacionais dessas crianças.

No entanto, esse aumen-

to também traz desafios, como a necessidade de maior capacitação dos profissionais da educação para atender adequadamente a essas crianças, bem como a adaptação do ambiente escolar e das práticas pedagógicas para garantir que todas as necessidades dos alunos com TEA sejam atendidas de forma eficaz. O gráfico evidencia a importância contínua de investir em recursos pedagógicos e na formação docente para que a inclusão escolar seja, de fato, plena e de qualidade.

Já a pesquisa bibliográfica (Maluf, 2023; Brito e Nascimento, 2023; Mendonça, Viana e Nascimento, 2023; Nascimento e Sousa, 2023; Pontis, 2022; Braga, 2018; Orrú, 2017; Mantoan, 2011a, 2011b) indica que, embora haja políticas públicas que garantam a inclusão de crianças com TEA na educação infantil, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Edu-

cação Inclusiva, a prática ainda enfrenta dificuldades múltiplas a serem superadas no cotidiano escolar. Assim, buscou analisar os três focos mais citados na pesquisa: formação de professores, estratégias pedagógicas e parceria escola-família.

A falta de formação docente continuada sobre autismo é um dos problemas mais observados. Muitos professores da educação básica enfrentam desafios na identificação e no manejo de alunos com autismo, devido a lacunas em sua formação sobre a condição e suas implicações no ambiente escolar. A inclusão escolar de crianças com TEA é um tema atualmente debatido pela comunidade científica, apontando que a formação docente continuada é uma estratégia eficaz para melhorar a compreensão e a abordagem do transtorno.

Segundo Maluf (2023), Pontis (2022) e Braga (2018), para ensinar educandos com autismo, o(a) docente deve conhecer o educando individualmente. Pesquisas mostram que os(a) professores(as) sentem dificuldades em adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades das crianças com TEA, especialmente no que diz respeito à comunicação e comportamento.

Em concordância, Mantoan (2011), Mendonça, Viana e Nascimento (2023) ressaltam que a formação continuada dos professores deve ser uma responsabilidade essencial dos sistemas de ensino que buscam garantir a

qualidade educacional. Esses sistemas precisam se comprometer em oferecer aos educadores os recursos e a capacitação necessária para desenvolver e implementar novas práticas pedagógicas que atendam às características diversas de seus alunos (Brito e Nascimento, 2023). Isso inclui, especialmente, a adaptação das metodologias de ensino para que possam responder adequadamente às necessidades educacionais de alunos com deficiência ou outras demandas especiais, promovendo uma educação inclusiva e eficaz.

Assim, percebendo a necessidade de conhecimento e formação dos professores da sala de aula nas reuniões de planejamento mensais sob a orientação do professor do AEE, na escola selecionada, acontecem momentos de estudo sobre diversos aspectos referente ao autismo, tais como características do TEA, comorbidades, adaptação escolar, escrita de relatórios, estratégias pedagógicas entre tantos assuntos de suma importância, o que tem sido uma ação acertada, fundamental e positiva na inclusão escolar.

Em relação as estratégias pedagógicas, observa-se a importância de atividades, rotinas, recursos adaptados à necessidade de cada criança com TEA. Faz-se necessário compreender suas preferências e necessidades, habilidades e aspectos que necessita avançar para que o Plano Educacional Individualizado (PEI), seja elaborado e executado com

eficácia. Entre as estratégias estão o ensino estruturado e o uso de recursos visuais.

Maluf (2023) destaca o método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação), que tem como objetivo principal trabalhar as dificuldades de comunicação e ensinar habilidades fundamentais para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse método visa ajudar essas pessoas a compreenderem melhor o mundo ao seu redor, facilitando o desenvolvimento de suas capacidades de aprendizado e interação. O TEACCH oferece suporte tanto em ambientes domésticos quanto educacionais, buscando criar uma estrutura que permita que esses indivíduos se adaptem melhor e adquiram novas competências, promovendo sua autonomia e inclusão social.

Outras oportunidades pedagógicas, também sugeridas por Maluf (2023, p. 117-118) são:

[...] o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) organizado para aprimorar as capacidades físicas, cognitivas e comunicacionais de indivíduos com AUTISMO/TEA, sobretudo os indivíduos com fala inexistente ou limitada. São usadas figuras como forma principal de conversa, que suprem a comunicação verbal, de modo que a pessoa não fique sem se comunicar.

[...] Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Esse

tratamento incide na instrução ativa das habilidades imprescindíveis para que o indivíduo diagnosticado com AUTISMO/TEA, torne-se autônomo e tenha a mais perfeita qualidade de vida possível. Baseada na observação e na averiguação, a aplicação da ABA é eficaz e mostra intenção para descoberta de novas aberturas comportamentais, o que colabora de maneira mais efetiva para o incremento de estudos, iniciados em 1980. Tais estudos indicam o quanto esse tipo de análise pode ser essencial para ajudar no tratamento de indivíduos com AUTISMO/TEA.

Essas estratégias pedagógicas têm sido fundamentais para a concretização e os avanços da inclusão escolar na instituição pesquisada, não apenas aumentando o engajamento e a participação desses alunos, mas também contribuindo para tornar o ambiente educacional mais inclusivo, acessível e eficaz para todos, reforçando a qualidade da educação oferecida.

A parceria escola-família foi um tema apresentado na pesquisa que ressalta a colaboração entre pais e escola para o sucesso da inclusão. Segundo Maluf (2023, p. 101) “[...] a participação da família é muito importante no processo de aprendizado do indivíduo com au-

tismo e a ela deve-se grande parte do sucesso escolar, bem como do incentivo à interação social”.

É nesse momento que se concretiza a importância do diálogo entre família e escola o que permite que os professores conheçam melhor as necessidades individuais de cada criança, adaptando as práticas pedagógicas de formação de vínculo mais eficientes. Essa prática constante tem contribuído para os resultados positivos no trabalho de inclusão realizado pela escola analisada.

Embora muitas dessas estratégias sejam eficazes na escola, ainda há muito a ser feito para garantir que as crianças com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite suas particularidades e potencialize suas capacidades.

Diante do exposto, entende-se que cada criança tem características e necessidades individuais, que se manifestam em suas preferências por brinquedos, alimentos e formas de diversão, entre outras particularidades. É fundamental que os educadores observem como a criança realiza suas atividades, identificando suas dificuldades de aprendizado e o que desperta seu interesse ou rejeição. Maluf (2023) também ressalta a importância de uma colaboração estreita entre a esco-

la e a família, com os pais participando ativamente do processo educacional. Essa parceria é essencial para apoiar a transição da criança com TEA para o ambiente escolar, garantindo uma adaptação mais tranquila e eficaz.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com TEA na pré-escola é um desafio que envolve a adaptação das práticas pedagógicas baseadas em evidências, a formação de professores e o apoio contínuo da família.

Com base nos dados apresentados e nas discussões realizadas ao longo do artigo, é possível concluir que, embora a inclusão de crianças com TEA na educação infantil tenha avançado na escola selecionada, ainda há muitos desafios a serem superados. A análise dos últimos quatro anos de matrículas na escola de Itapipoca-CE revela um crescimento gradual no número de crianças com TEA matriculadas, conforme ilustrado no gráfico. Esse aumento demonstra o avanço da conscientização sobre o autismo e a implementação de políticas de inclusão, mas também evidencia a necessidade contínua de aprimoramento nas práticas pedagógicas e nos recursos oferecidos.

Outro ponto importante é a formação docente. A pesquisa reforça que a capacitação contínua dos professores é fundamental para a eficácia do processo de

inclusão. Ainda que haja esforços no sentido de preparar os profissionais da educação para lidar com as particularidades de cada aluno, os dados e a literatura analisados indicam que muitos educadores ainda encontram dificuldades em adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades específicas das crianças com TEA. Dessa forma, a formação continuada e o apoio especializado são essenciais para garantir que os professores possam desempenhar um papel ativo e eficaz na inclusão.

Por fim, as conclusões destacam a importância da parceria entre escola e família. A participação ativa dos pais no processo educacional é indispensável para uma inclusão bem-sucedida. A colaboração entre esses dois atores contribui para uma adaptação mais tranquila das crianças com TEA ao ambiente escolar, garantindo que suas necessidades sejam atendidas tanto em casa quanto na escola. Somente com a união de esforços entre educadores, gestores, pais e políticas públicas será possível consolidar uma educação verdadeiramente inclusiva e de qualidade para todos.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, Wilson Cândido. **Autismo Azul e de todas as cores**. Guia básico para pais e profissionais. São Paulo – SP: Paulinas, 2018.
- BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão. Gov.br, 2023.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2022**. Brasília: Ministério da Educação, 2022.
- BRITO, Antonia Janieiry Ribeiro da Silva; NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. Formação de professores para a promoção da saúde no Ensino Básico por meio de manual didático. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 5, p. e510083, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/10083>.
- BRITO, A. J. R. S.; BRAYNER, M. N.; NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. Educação em saúde e suas tecnologias no currículo dos cursos de Pedagogia do Brasil. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 19, p. 97-113, 2022. Disponível em: <https://http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/10414/47968331>
- GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. **Línguas & Letras**, v. 17, n. 35, 2016. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/13193>
- MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Autista... e agora?** Teorias e práticas vivenciais. São Paulo – SP: Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2011a.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011b.
- MENDONÇA, Andreia Vieira de; VIANA, Tania Vicente; NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. A Avaliação do ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual na escola regular em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. e269037, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/nG7rKyz85cSVh39kdW5Kyr-B/?lang=pt>.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- NASCIMENTO, D. A.; SOUSA, N. M. F. R. O brincar na educação infantil inclusiva nas práticas pedagógicas para crianças com deficiência. **Educação & Formação**, [S. l.], v. 8, p. e11284, 2023. DOI: 10.25053/redufor.v8.e11284. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/11284>.
- ORRÚ, Sílvia Ester. **O Re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- PONTIS, Marco. **Autismo: o que fazer e o que evitar**. São Paulo – SP: Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.